

POEMAS DE Francisco Bugalho

Fábula

Havia muito já que Robinson vivia
sòzinho na sua Ilha;
era um Robinson só, não tinha Sexta-feira.
De manhã, a juntar lenha p'rá fogueira,
escutava os pássaros cantar, na ramaria,
e, à noite, quando a mesma lenha ardia,
o latir dos chacais, rodando perto...

Robinson encarava o céu aberto,
e de manhã, com os pássaros cantava,
assobiando branda, longamente.
E à noite, olhando as brasas da fogueira,
baixo, imitava o grito do chacal.

Assim, na Ilha, Robinson vivia
desta romântica maneira!...

Afinal,
já esgotara
o repertório interior da sua vida antiga
— recordação que, aos poucos, se esfumara!... —
e agora,
nessas horas de tédio ou de fadiga
imitava a canção dos pássaros, nos ramos,
ou o grito nocturno do chacal...

Aprendera
todos os vários sons da floresta:
o do vento furioso ou amoroso,
o da chuva das bategas cinzentas,
como baças cortinas, ocultando
o diário horizonte da baía
e, acordando p'ra Luz, ágil e lesta,
o som de tóda a fauna despertando.

Mas, um dia,
já tudo isto, soturno, lhe pesava
no seu isolamento,
estava encostado à porta da cabana
quando, na árvore em frente, viu pousado,
enfeitando as grinaldas de liana,
um bando de flamantes papagaios.
E vê-los, recordou-lhe a voz humana,
e uma onda interior de simpatia,
fê-lo gritar ansioso, erguendo as mãos:
— Papagaios!
Ó verdes papagaios, meus Irmãos!...

Então, sôbre a grinalda de liana,
houve uma indescritível gritaria,
asas batendo, em louca confusão;
e os papagaios
lá se foram, irónicos, cortando
o diário horizonte da baía...

Quem assim nasce, tem de viver só
P'ra que serve falar se nos não ouvem,
e andar fingindo que outros nos entendem...

Menina

Menina pálida e fina;
há nos teus olhos miragens
de outras vidas e de imagens
que a vida te não destina.

Na tua cabeça fina,
ideas de outras paragens
bem longe dessas ramagens
da chita dessa cortina.

Quantas tardes sonolentas,
sôbre o bordado curvada,
na vila, sem violentas
sensações... — abandonada!

Romances de capa e espada
Devorados ao serão!...
Menina, quando virão
aquêles que te dirão
com doçura: — « Bem Amada! »?

Menina pálida e fina
que uma amargura destrói;
eu também sei como dói
a doença que te mina.

Tropicais

A tarde era de Inverno, branca e fria.
Mas, sôbre a serra, no céu alto, havia
uma luz quente e branda que fazia
ter saudades do Verão...
Não saudades dum Verão passado e já distante
no tempo, mas do Verão presente nesse instante
nesse pouco de céu e noutros Mundos...

Lá para trás, mais para trás daquela serra fria;
ainda para além da Curva, do Limite,
(Oh! os sonhos que dá a Geografia!...)
ilhas, países onde o Sol se abria,
beijando bôcas rubras que sorriam,
como sorrira um dia a Sulamite...

Ilhas! Mares quietos, luminosos, sonolentos
com pirogas que pairam
sôbre claros abismos transparentes,
leves palmeiras, frágeis, indolentes
e um cheiro a maresia,
na profunda madorna da paisagem...
— Dentro de mim cantava a tarde quente,
que era Presente, no país distante
e a selva arfava esplêndida, selvagem...

Essa nesga do céu trouxe-me, assim,
no silêncio da tarde fina e fria,
a doçura de um Verão que não tem fim...
(Oh! os sonhos que dá a Geografia!...)